

SUJEITOS DA EDUCAÇÃO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NEGRO NO MUNICÍPIO DE VENÂNCIO AIRES-RS

VIVIANE INÊS WESCHENFELDER*¹

Introdução

“Afirmamos o multiculturalismo e o respeito a diversidade e dormimos em paz com nossa consciência burguesa” (GALLO, 2009: 7)

Início este texto com a provocação de Silvio Gallo (2009) ao tratar de diferença e educação porque acredito que precisamos problematizar as coisas que estão sendo ditas e desconfiar daquilo que está sendo tomado como verdade. É consenso de todos que nunca se falou tanto na diversidade e no respeito à diferença. Está na ordem do discurso dos governos, das universidades, das mídias, das escolas. Por que isso passou a ser tão interessante nestas diversas áreas do conhecimento? Será o multiculturalismo a saída para as ciladas da diversidade cultural e da tolerância? Tolerar basta para concebermos uma sociedade multicultural?

São as minorias étnicas e os anormais os alvos destes embates políticos. A eles se direciona o discurso da sociedade inclusiva, das oportunidades para todos, da igualdade de direito. Neste caso, nada mais conveniente do que problematizar a constituição destes indivíduos e as operações desempenhadas pela educação neste processo, já que ela é responsável por subjetivá-los, incluí-los neste sistema. O objetivo deste trabalho, assim, é olhar para o afro-descendente e problematizar os modos como este indivíduo se constitui e é constituído em um sujeito, um sujeito pertencente à educação.

O desafio a que me proponho aqui é apresentar as inquietações e os primeiros movimentos analíticos que venho produzindo no decorrer de minha pesquisa de

* Mestranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS/RS. Trabalho orientado pela Prof^a. Dr^a. Eli Henn Fabris, pesquisa financiada pela CAPES.

mestrado. A perspectiva teórica Pós-Estruturalista², que orienta minha investigação, tem a intenção de desarmar as verdades e desconstruir as materialidades que estão visíveis nas relações sociais de um determinado espaço. Espaço este que, vale dizer, é construído. A história, nessa perspectiva, não é única, não se constitui de fatos tidos como verdadeiros, mas de acontecimentos, narrados no olhar de quem o escreve e/ou descreve. Nada na história é seguro, definitivo. Tudo pode ser (re)construído, (re)formulado. Durval Muniz de Albuquerque Junior (2007: 30), traduz essa insegurança ao dizer que “o historiador está condenado a navegar indefinidamente, a nunca aportar um porto seguro, a seguir o (dis)curso, a realizá-lo”. Ao colocar sob suspeita a forma como os acontecimentos foram narrados, meu objetivo é produzir uma história do presente, não a verdadeira história, e nem a única. Mas sim, aquela que procura responder quais são as relações de poder e as verdades que operam na constituição da subjetividade do sujeito afro-descendente neste município.

No Rio Grande do Sul, a presença dos afro-descendentes por muito tempo foi considerada inexpressiva no conjunto das populações do Estado, herança remanescente de uma historiografia tradicional que praticamente negou a presença dos escravos negros no território do Rio Grande do Sul. Não obstante, o desenvolvimento e o progresso no Sul do país foram delegados ao sucesso da imigração européia, o que contribuiu para uma história predominantemente branca. Estas especificidades, principalmente em relação ao processo de povoação do território, contribuíram para a criação de inúmeros mitos acerca da identidade cultural da população do extremo sul do país. Nas palavras de Oliven (1992: 49), “as peculiaridades do Rio Grande do Sul contribuem para a construção de uma série de representações em torno dele que acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até nossos dias e as fazem informar a ação e criar práticas no presente”. Embora hoje existam diversos movimentos e pesquisas que buscam desmitificar essa historiografia, trabalhos como este são ainda profundamente relevantes, pois coloca o sujeito negro do centro da investigação.

² A teoria pós-estruturalista ou pós-crítica do currículo é entendida como uma outra forma de ver o mundo, tanto na cultura quanto na educação. Apresentam a ruptura, o deslocamento e a fragmentação próprios da Pós-Modernidade, rejeitando a ideia de sujeito único e de narrativas totalizantes, características da Modernidade. Possui na linguagem uma das maiores contribuições, concebendo-a como constituidora do mundo, atravessadas pelas relações de poder. Ver: VEIGA-NETO (1995).

Ao tomar como tema de estudo a constituição do afro-descendente no município de Venâncio Aires-RS, pretendo dar visibilidade às tramas que produzem sua constituição enquanto sujeito social. Michel Foucault, pensador que empresta algumas ferramentas importantes para esta pesquisa, mostrou como o sujeito foi historicamente construído e como esta construção infere no seu posicionamento. Segundo o filósofo, “há dois sentidos para a palavra "sujeito": sujeito submetido a outro pelo controle e a dependência e sujeito ligado à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si. Nos dois casos a palavra sugere uma forma de poder que subjuga e submete.” (FOUCAULT, 1995: 235).

A primeira parte deste texto pretende descrever e problematizar alguns elementos étnicos e culturais do município de Venâncio Aires, local onde se desenvolve esta pesquisa. Historicamente marcado pela ocupação lusa e colonização alemã, este município apresenta algumas singularidades produtivas para investigar as formas de constituição do sujeito afro-descendente. Em seguida, pretendo mostrar como os regimes de verdade inferem na visibilidade étnica e nos processos de inclusão e exclusão do negro. Quem são os sujeitos não-brancos incluídos na comunidade venâncio-airense? Quem são os excluídos? Tomando o jornal Folha do Mate como campo de visibilidade, olhar para as condições históricas que possibilitaram dizer aquilo que está sendo dito é meu objetivo aqui.

Para concluir este exercício descritivo e analítico, apresento brevemente alguns achados do jornal que são importantes marcadores da diferença étnica. Ao nomear o afro-descendente de moreno, percebe-se um esforço desta mídia para apresentar-se politicamente correta. Concebendo-o a educação como um processo cultural que ultrapassa a escola, a forma como o afro-descendente se narra e é narrado no jornal Folha do Mate infere diretamente na sua subjetividade e, portanto, na sua constituição enquanto sujeito social.

Diferenças étnico-culturais: Venâncio Aires como lócus de pesquisa

O município de Venâncio Aires, situado entre os vales do Rio Pardo e Taquari, se constitui, no meu olhar, como um local interessante de estudo para os elementos de cunho étnico e cultural. Ao colocar estas relações historicamente construídas sob

tencionamento, importa dizer que minhas inquietações começaram a tomar corpo quando desenvolvi minha pesquisa de final de curso, sobre a identidade afro-descendente na educação de Santa Cruz do Sul, município vizinho³. Caracterizado pela imigração alemã, o mito do progresso, aliado à matriz do imigrante como trabalhador responsável pelo desenvolvimento da região, se evidencia fortemente nas narrativas identitárias⁴. Não obstante, o discurso que se apresenta nas escolas é aquele que homogeneíza e amortece as diferenças étnicas. O afro-descendente, nesse caso, é invisibilizado social e culturalmente, apesar das pesquisas populacionais apontarem a forte presença do negro em Santa Cruz do Sul.

Olhando para os demais municípios da região, nosso grupo de pesquisa começou a despertar o interesse por Venâncio Aires. Em uma região marcada pela colonização alemã em que é possível enxergar a presença afro-descendente, as posições do sujeito negro podem ser diferentes de outros locais, apresentando algumas características que não se evidenciam nas pesquisas realizadas em área de colonização alemã. Pensando no campo da educação e na sua importância para a constituição cultural dos sujeitos sociais, é relevante tomar esta aproximação como uma saída para a compreensão dos modos de sujeição e subjetivação do afro-descendente. Se em Venâncio Aires o negro é visibilizado, tanto através de sua organização enquanto grupo étnico quanto no jornal do município, é importante buscar as condições que possibilitaram esta configuração.

Venâncio Aires é um município de médio porte, com uma de população 65.964 habitantes (IBGE, 2010) e ocupando uma área de 773 km². Acompanhando as características da região, 62,8% da população residem na área urbana e 37,2% na zona rural. Sua economia está calcada principalmente na agricultura familiar, sendo o maior produtor brasileiro de tabaco. Há investimentos no setor empresarial, como a prestação de serviços e a industrialização, especialmente no setor metal mecânico. Embora as administrações municipais historicamente tenham buscado a diversificação econômica,

³ Monografia de conclusão do curso de História, intitulada “Sujeitos falhos: a influência do discurso pedagógico-curricular na construção da identidade afro-descendente de Santa Cruz do Sul – RS”, defendida na Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC/RS.

⁴ As narrativas identitárias são construções imagéticas e discursivas que variam de grupo para grupo, o que permitem que se considerem os fenômenos regionais nas suas mais diversas formas de narrativa. Ver: Neumann (2006).

os venâncio-aireses ainda dependem muito da fumicultura para sua subsistência, seja no plantio, seja nos postos de trabalho nas indústrias de processamento do cigarro⁵.

Culturalmente, Venâncio Aires é conhecido como a Capital Nacional do Chimarrão. Embora o plantio e o processamento da erva-mate não seja a centralidade da economia do município, ela persiste com uma área de 4,7 mil ha de plantio e duas importantes indústrias ervateiras. Mesmo produzindo menos erva-mate que outros municípios do Rio Grande do Sul, o elemento da erva-mate como identidade cultural permaneceu. Atualmente, a cada dois anos é promovida a Festa Nacional do Chimarrão (FENACHIM), maior evento da cidade e que tem como objetivo dar visibilidade ao município. Com o reconhecimento do chimarrão como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul e brasileiro, Venâncio Aires vem investindo nesse potencial com uma rota turística, conhecida como “Rota do Chimarrão”, onde o visitante pode passear pelo interior do município e conhecer mais sobre a bebida, que simboliza a amizade para os gaúchos.

Diversos registros afirmam que o território onde hoje se localiza Venâncio Aires era rico em madeira de lei e erva-mate, motivo pelo qual aumentava o interesse dos descendentes lusos pela região. Os primeiros povoadores, além dos indígenas que já ocupavam o território por séculos, foram os açorianos no final do século XVIII. Juntamente com estas famílias, vieram negros na condição de escravos, muitas vezes os únicos residentes do local. Os alemães, por sua vez, começaram a chegar apenas na segunda metade do século XIX. Todos estes grupos étnicos fizeram uso do plantio da erva-mate como forma de subsistência, provavelmente tendo apreendido esta técnica com os indígenas.

Embora o município seja caracterizado desde sua fundação pela diversidade étnica, a história tradicional, nos mais diferentes locais, em especial no jornal Folha do Mate, ausenta alguns grupos ao falar de sua contribuição para o desenvolvimento da região. Ao exaltar o progresso de Venâncio Aires e valorizar suas raízes históricas, tomam-se como responsáveis os portugueses e os alemães, estando presentes em alguns momentos os italianos. Os indígenas são raramente referidos, e geralmente ocorre quando mencionada a prática cultural do chimarrão, herança destes povos. A presença

⁵ Dados utilizados com base no sitio da Prefeitura Municipal de Venâncio Aires. Disponível em: <http://www.pmva.com.br/site/conteudo.php?pag=economia>.

negra se evidencia em função da sua significativa população e da mão-de-obra escrava, responsáveis pelo trabalho. Os colonizadores, nesse caso, se restringem aos portugueses e alemães.

Se esta condição de pertencimento e de valorização dos diferentes grupos étnicos que constituíram a região está na maioria do tempo ausente da mídia, este debate também não ocorre em outros locais, como nas escolas. Poucos sabem, por exemplo, que a religiosidade do município tem profundas raízes afro-brasileiras. A fé cristã dedicada ao padroeiro da cidade, São Sebastião Mártir, teve início com uma Irmandade fundada por 12 escravos e quatro libertos, menos de uma década antes da Abolição. De acordo com Azeredo, em texto publicado no jornal Folha do Mate (12 de maio de 2004), “para além do aspecto religioso, as irmandades eram grupos de ajuda mútua, podendo contar com sistemas de poupança, provendo auxílios financeiros em diversas situações, como na própria compra da carta de alforria”.

Outro elemento cultural bastante forte em Venâncio Aires é o tradicionalismo gaúcho. Atualmente, o município conta com diversas entidades folclóricas, entre elas Centro de Tradições Gaúchas (CTG) e Invernadas Artísticas, muitas delas vinculadas às instituições de ensino. Dentre as atrações que ocorrem aos finais de semana, a maioria são as festas dos padroeiros das comunidades (tanto da cidade quanto do interior) e os rodeios crioulos, realizados nos CTGs. A Secretaria Municipal da Cultura registra hoje também três grupos de dança alemã.

Não poderia deixar de mencionar a presença de duas entidades relacionadas à cultura afro-descendente. A primeira é a Sociedade Nego Futebol Clube, fundada em 29 de junho de 1935 por João Generoso dos Santos. Segundo texto da Folha do Mate (08-05-1988), João Generoso resolveu fundar o clube após participar de uma assembleia em São Paulo, organizada pela Frente Negra Brasileira. Este evento indica que a organização dos negros em Venâncio Aires acompanhou um movimento nacional de fortalecimento do próprio Movimento Negro, durante o período em que Getúlio Vargas esteve na presidência. Com o objetivo de integrar os afro-descendentes promovendo festas, torneios esportivos e organizando o carnaval, atualmente o Nêgo destaca-se principalmente nas festividades carnavalescas do município.

Outro grupo que vem se destacando é a Cia Afro-Cena, surgida como companhia em 10 de fevereiro de 2008. Um grupo de atores negros e de amadores resolveu

organizar-se após alguns espetáculos reconhecidos pelo público. Em três anos de trabalho, a Cia já apresentou três produções cinematográficas, entre elas duas sobre o uso de drogas e uma sobre a lei 10.369, que trata da inclusão do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana no currículo das escolas. Com sua proposta de trabalho vinculada à educação, à auto-estima e à consciência negra, o grupo vem conquistando espaço e adquirindo visibilidade não só no Rio Grande do Sul, mas em mídias de nível nacional. É interessante destacar aqui o texto presente no sítio eletrônico da Cia, onde o grupo assim se expressa:

Mesmo essa terra tendo sido colonizada por alemães, essa terra também é nossa. Somos a minoria, assim como muitos negros, em muitas outras cidades. Mas queremos fazer a diferença na nossa terra, e mostrar para o mundo que apesar de todas as dificuldades aqui nesse canto do Brasil, chamado Venâncio Aires, conhecido por muitos como Capital Nacional do Chimarrão, existe um grupo de jovens negros, de codinome Cia. Afro-Cena, que sonha, que acredita e que tenta fazer acontecer (Disponível em: <http://www.ciafrocena.com.br/>).

Considerando estas características étnico-culturais presentes em Venâncio Aires, é possível olhar para este espaço como um lócus interessante de estudo, especialmente quando tratamos de minorias étnicas, indivíduos historicamente marcados pelo preconceito e pela exclusão social. Felizmente, o atual debate em torno da identidade e da diferença tem aberto possibilidade para novos estudos e novas articulações sobre os processos de in/exclusão sociais. Estes novos olhares têm anunciado uma mudança estrutural da Modernidade, responsável por promover um duplo deslocamento do sujeito, que acaba perdendo o sentido de si e do seu lugar na sociedade contemporânea (HALL, 2003). O que temos, desta forma, são sociedades marcadas pela descontinuidade e pela diferença, onde não cabe mais o discurso essencialista, responsável por cristalizar as identidades. Quando trazidas para a educação, essas questões tornam-se ainda mais delicadas.

A forma na qual a escola está organizada hoje procura adaptar os sujeitos em sua estrutura, classificando-os de diversas formas. Nesse caso, cada um deve estar no seu lugar e aqueles que não se inserem ou não se enquadram nestes espaços são os sujeitos considerados estranhos. Jorge Larrosa, em entrevista a Veiga-Neto, explicita porque é tão difícil tratar de temas como a diferença na maquinaria escolar:

Y esa obsesión ordenadora es, al mismo tiempo, una obsesión clasificatoria: cada cosa tiene que tener un nombre (tiene que pertenecer a una categoría) y tiene que haber un nombre (una categoría) para cada cosa. [...] Toda clasificación es un acto de inclusión-exclusión, un modo de dividir el mundo entre lo que pertenece y lo que no pertenece a la categoría, lo que corresponde y lo que no corresponde al nombre. Y por eso mismo es violenta, coercitiva (LARROSA, 2009: 208)⁶.

A presença destes elementos étnico-culturais em Venâncio Aires nos incita a olhar para este município como um ambiente propício para pensar a interculturalidade, produzindo nos sujeitos uma educação que conceba para a diferença não mais como algo negativo. Até este momento da pesquisa, o que se pode perceber é que a educação ainda apresenta dificuldades para enfrentar as temáticas da diferença cultural, mesmo com as potencialidades que se apresentam.

A seguir, apresento alguns achados do material de pesquisa, o Jornal Folha do Mate, considerado o maior representante da imprensa escrita do município em questão. Os jornais são, além de veículos de informação, artefatos culturais, pois não são fabricações neutras, eles são produzidos na cultura e produzem cultura. Desta forma, mais do que uma fonte para a pesquisa histórica, o jornal passa a ser um campo de visibilidade para observar as práticas culturais e os modos de subjetivação dos sujeitos afro-descendentes. O conceito de cultura que assumo a percebe como um terreno conflituoso das práticas de significação, que constitui e ao mesmo tempo é constituído em meio a relações de poder.

Branco e moreno no jornal Folha do Mate

O jornal folha do Mate foi fundado no ano de 1972. De acordo com sua página digital⁷, seu nome foi escolhido em função do município ser culturalmente conhecido como a Capital do Chimarrão. Com abrangência microrregional, a publicação é trisemanal e sua tiragem atinge cerca de 7500 exemplares por edição. Sua linha de atuação

⁶ Tradução: E essa obsessão pela ordem é, ao mesmo tempo, uma obsessão classificatória: cada coisa tem que ter um nome (deve pertencer a uma categoria) e tem que haver um nome (uma categoria) para cada coisa. [...] Toda classificação é um ato de inclusão-exclusão, um modo de dividir o mundo entre o que pertence e o que não pertence à categoria, o que corresponde e o que não corresponde ao nome. E por isso mesmo é violenta, coercitiva.

⁷ Jornal Folha do Mate. Disponível em: <http://www.folhadomate.com.br/index.php/conteudo/show/id/53>.

está voltada para o jornalismo comunitário, focando especialmente o município de Venâncio Aires.

O primeiro contato com o material de pesquisa consistiu em analisar algumas edições anuais, especialmente em algumas datas, tais como: dia 20 de janeiro, festa do padroeiro da cidade; carnaval; 11 de maio, aniversário do município; 13 de maio, abolição da escravatura e 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. Tendo o acervo disponível a partir de 1974, busquei perceber se o afro-descendente é visibilizado ou não nesta mídia. Um segundo passo, depois de fotografar as reportagens, foi olhar para estes textos na sua exterioridade, buscando entender como o sujeito negro se narra e é narrado no jornal.

A Folha do Mate, nesse caso, é um local privilegiado onde circulam discursos que produzem práticas discursivas e não discursivas, entre elas, aquelas que me interessam analisar nesse momento, as práticas de constituição do sujeito afro-descendente de Venâncio Aires. Assim, uma análise destes discursos e enunciados dará condições para visibilizar as relações de poder e a produção da subjetividade do sujeito afro-descendente neste município. “São os enunciados dentro de cada discurso que marcam e sinalizam o que é tomado por verdade, num tempo e espaço determinado, isto é, que estabelecem um regime de verdade” (VEIGA-NETO, 2007: 101). Desta forma, um enunciado nunca é um fato isolado, uma palavra por si só, mas pode vir a ser, dependendo das condições de possibilidade que permitiram o surgimento deste enunciado.

O objetivo aqui é problematizar o discurso da diferença através de um enunciado que se visibiliza na Folha do Mate nas décadas de 1970 a 1990, mais precisamente entre os anos de 1974 e 1988. Em diversas reportagens o negro é chamado de “moreno”, indicando um cuidado no uso da linguagem para se referir ao afro-descendente. No caso do jornal, o emprego do termo “moreno” serviria para aplacar o possível conflito que emerge ao falar do afro-descendente. Neste texto, apresento dois exemplos para ilustrar este recurso lingüístico. Se não há como negar a diferença, ao menos se recorre a palavras que possam contorná-la, exercendo a tolerância. Segue o primeiro exemplo:



Imagem 1 – Anúncio de jogo entre brancos e negros

Fonte: Folha do Mate, 10 jan. 1975.

Este jogo de futebol entre brancos e negros foi por diversas vezes assistido pela comunidade venâncio-airense. É importante ressaltar nessa primeira reportagem as estratégias linguísticas, em que se lê nas primeiras linhas: *“mais um jogo dos morenos contra os brancos”*. Alguns anos mais tarde, quando o Guarani, clube futebolístico de Venâncio Aires passou a aceitar jogadores negros, essa espécie de jogo deixou de existir. Destacamos a frase *“acusando sempre a vitória dos morenos”*⁸, onde o texto já anuncia que são os recorrentes ganhadores deste enfrentamento. Percebemos a relação existente neste excerto do anúncio com a comum ideia de que os afro-descendentes são melhores atletas que os brancos, destacando-se especialmente em esportes que necessitam de mais resistência física. Naturaliza-se essa posição para o afro-descendente.

Na edição de agosto de 1981 a Folha do Mate publicou uma reportagem especial sobre João Generoso dos Santos, personagem que muito se destacou pelo seu trabalho junto a comunidade de Venâncio Aires, especialmente por ter fundado o “Négo Futebol Clube”, conhecido como o clube dos negros. O segundo exemplo a ser apresentado pode ser conferido seguir:

⁸ As partes do material Jornal Folha do Mate serão grafadas em itálico e entre aspas para diferenciar das demais citações.



Imagem 2 – Reportagem sobre João Generoso dos Santos

Fonte: Folha do Mate, 21 ago. 1981.

Nesta reportagem é possível perceber diversas expressões que apontam o cuidado linguístico existente ao falar de João Generoso, sujeito negro que aqui está sendo homenageado. Logo no início do texto, ao caracterizar a vida do personagem, o jornal nos diz: *“Moreno de olhos azuis, passa parte do seu tempo na área de sua residência, tocando acordeon”*. Em destaque aparece a foto de João, ao lado de sua esposa, com o instrumento musical em mãos. Em seguida, a reportagem realça o fato de João Generoso falar alemão, dizendo: *“Não é muito comum encontrarmos uma pessoa morena falando o idioma alemão. Entretanto o Sr. João fala perfeitamente, e foi por este motivo que veio a Venâncio Aires”*. Aqui novamente aparece o uso da palavra “moreno”, destacando o idioma alemão como algo positivo, pois é característica da região de colonização alemã comunicar-se tanto pelo português, quando pelo dialeto alemão. Mais do que isso, o fato do Sr. Generoso, outro nome dado ao “moreno”, falar alemão pode ser considerado um passaporte para sua inclusão na comunidade venâncio-airesense. Um meio de inclusão tanto cultural quanto social, pois foi a maneira pelo qual João foi escolhido para trabalhar em Venâncio Aires e também o modo de ser visibilizado como sujeito negro. Nesse caso, João Generoso é um afro-brasileiro com

alguns diferenciais que o destaca na comunidade venâncio-airense, como os olhos azuis, o dom de tocar acordeom e o idioma alemão.

Sobre o fato de ter fundado o Nego, a Folha do Mate nos relata:

“João Generoso, como era de cor, sentia uma insatisfação muito grande a respeito da separação das raças. O moreno não era benquisto na sociedade e por isso muitas vezes revoltava-se e havia um desentendimento muito grande entre eles. Resolveu então unir todos estes morenos em torno de uma sociedade”. (FOLHA DO MATE, 21/08/81).

Percebe-se, desta forma, o quanto a linguagem é importante para a constituição da subjetividade dos sujeitos. Semprini (1999: 66) diz que “a linguagem é um instrumento que afeta profundamente o nosso conhecimento e representações de mundo”. É através da linguagem que damos sentidos às coisas, pois ela é constitutiva do nosso pensamento. (VEIGA-NETO, 2007: 89). Esse cuidado em dizer, que Veiga-Neto (2001) chama de “proteção linguística” e que Duschatzky e Skliar (2001) chamam de “travestismo discursivo” apontam a diferença como algo a ser evitado, disfarçado.

Ser Sujeito da Educação: Problematizações finais

Muitas são as pesquisas que apontam o preconceito étnico-racial e a invisibilidade do afro-descendente como problemas que se evidenciam em todos os segmentos da sociedade. Na educação isso não é diferente, e ações de combate a essas práticas preconceituosas vêm se manifestando através da luta por um currículo intercultural, que seja capaz de promover o entendimento da diferença como algo importante que deve ocupar um espaço na sociedade. Este espaço, no entanto, não pode significar apenas momentos de festejo e discurso inclusivo, mas sim um enfrentamento em forma de política cultural. Mas como?

Em alguns locais, o afro-descendente vem se destacando nas atividades culturais e se posicionando como sujeito de sua própria história, de sua consciência negra. No caso de Venâncio Aires, a hipótese é que essas pequenas visibilidades da identidade afro-descendente são partes das micro-histórias que se produziram e continuam produzindo mesmo próxima à cultura germânica, ainda que não isenta de muitas relações racistas e imobilizadoras. Um exemplo disso, vale lembrar, é o belíssimo trabalho realizado pela Cia Afro-Cena.

Muitas das problematizações apresentadas na introdução deste texto ainda persistem. Não há um lugar a se chegar, tudo ainda é muito provisório, é assim pretende-se que seja até o final desta pesquisa. Não há nem mesmo ferramentas conceituais estáveis e seguras, o que direciona meu olhar são as inquietações do presente, as coisas que ainda não estão bem resolvidas, talvez nunca o serão. Procuro seguir as orientações de Veiga-Neto quando ele diz que “muito mais interessante e produtivo é perguntarmos e examinarmos como as coisas funcionam e acontecem e ensaiamos alternativas para que elas venham a funcionar e acontecer de outras maneiras” (VEIGA-NETO, 2007: 19).

Problematizar a constituição do sujeito afro-descendente em Venâncio Aires é um desafio a que venho me propondo ao desenvolver esta pesquisa de mestrado. Acredito, pois, que este será um exercício que nos colocará frente a frente com os marcadores culturais que precisam ser (re)pensados e discutidos na educação étnico-racial. Buscar as condições de possibilidade que produziram determinadas narrativas e verdades implica em “tirar do armário” alguns acontecimentos convencionalmente guardados no decorrer do tempo. Mais do que isso, é trabalhar diretamente com as relações de poder que assujeitam os indivíduos e os mantém na fronteira da exclusão. Ao discutir estes elementos com os Sujeitos da Educação desse município, a pesquisa estará contribuindo com novas possibilidades de constituição desse sujeito pela educação. Nas palavras de Foucault (1995: 239), “temos que promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposto há vários séculos”.

Por fim, se as diferenças são categorias produzidas pelos sujeitos sociais e historicamente construídas, são também passíveis de modificação. Olhar para as fronteiras de pertencimento étnico-culturais, problematizar as relações de poder e os regimes de verdade postos em nossa sociedade, ampliando o debate, podem ser algumas saídas para as ciladas que nos estão postas. Romper com aquilo que está essencializado, enraizado, assim como os discursos que homogeneízam e amortecem as diferenças não é tarefa fácil. No entanto, um olhar preocupado para os modos de subjetivação dos indivíduos é capaz sim de abrir espaço para novas formas de pensar a diferença.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *História: A arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

CIA AFROCENA. Disponível em: <http://www.ciafrocena.com.br/>. Acesso em: 20 mar. 2011.

DREYFUS, Hubert L. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Tradução de Vera Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1995.

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge, SKLIAR, Carlos. *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOLHA DO MATE, Jornal de Venâncio Aires. Disponível em: <http://www.folhadomate.com.br/>. Acesso em: 20 mar. 2011.

GALLO, Sílvio. Uma apresentação: diferenças e educação; governo e resistência. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Domênica (orgs.) *Inclusão Escolar: Conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2003.

LARROSA, Jorge; VEIGA-NETO, Alfredo. Educação e governo. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Domênica (orgs.) *Inclusão Escolar: Conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

NEUMAN, Marinês Teresinha. *Narrativas identitárias e associativismo de tradição germânica na região de Santa Cruz do Sul: o discurso da identidade regional (1850-1950)*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

PMVA. Prefeitura Municipal de Venâncio Aires. Disponível em: <http://www.pmva.com.br/>. Acesso em: 20 mar. 2011.

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Tradução de Laureano Pelegrin. Florianópolis: EDUSC, 1999.

SILVA, Mozart Linhares da; WESCHENFELDER, Viviane Inês. Sujeitos rasurados: uma análise da construção da identidade afrodescendente a partir dos espaços educativos no território do rio grande do sul. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 10, n.1, mar. 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo (org.) *Crítica Pós-Estruturalista e Educação*. Porto Alegre, Sulina, 1995.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Coleção Pensadores & Educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VOGT, Olgário Paulo. (org.) *Abrindo o Baú de Memórias: o Museu de Venâncio Aires conta a história do município*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2004.